

PALÁCIO ANCHIETA

AJ11:519

Marco da fundação de Vitória, aos 444 anos o Palácio Anchieta mantém, atrás da fachada austera de sede oficial do Governo do Estado, um passado repleto de histórias. E como toda "casa velha", coleciona várias lendas e fantasmas



Foto de Nestor Muller/14-1-94

A antiga Igreja de São Thiago, depois Colégio dos Jesuítas, hoje Palácio Anchieta e sede do Governo do Estado, passou por várias ampliações e reformas. As periódicas restaurações servem para recuperar muitas de suas linhas originais. Aberto à visitação, o Palácio é a principal referência histórica de Vitória e um point de inegável apelo turístico

444 anos de histórias, luxo e lendas

Silvana Holzmeister

O Palácio Anchieta começou a ser erguido em 1551, quando era, ainda, a Igreja de São Tiago. Depois de utilizado pelos jesuítas e de ficar vinte anos abandonado, o prédio passou a ser habitado pelo governo da capitania.

Batizado de Palácio Anchieta em 1945, em homenagem ao padre Anchieta, a construção sofreu ao longo dos anos várias reformas que descaracterizaram sua arquitetura original. Atualmente, a sede do Governo do Estado necessita de reparos e pode ser tombada pela Unesco.

O Palácio é a segunda construção dos jesuítas no Espírito Santo. E guarda muito pouco da planta original erigido pelos padres. Os três incêndios e as inúmeras reformas deram nova fachada e muitas dependências à antiga Igreja de São Tiago. Ela foi construída por padre Afonso Braz, em homenagem a São Tiago de Compostela, o templo de peregrinação espanhol.

De acordo com a arquiteta Maria Cristina Vereza Lodi Dias, a interferência mais drástica no prédio ocorreu em 1912. Por decisão do governador Jerônimo Monteiro, decidiu-se adotar no imóvel o estilo "ecletico", cuja característica principal é a variedade (ou a falta) de estilos. A tendência predominou em Vitória até 1925.

Com esta mudança surgiram as novas dependências, totalmente diferentes umas das outras. Uma visita ao local é uma aula, onde se aprende muita coisa sobre os movimentos culturais e arquitetônicos do nosso século. Por exemplo, os estilos diversos de mobiliário que estiveram em moda no Brasil. Entre eles, o neo-gótico inglês do Salão Negro – local dos banquetes oficiais, e o neoclássico francês – presente no Salão Dourado usado nas recepções.

O setor residencial do Palácio Anchieta é formado pelo Salão Nobre, onde os governadores tomam posse; a Sala Inglesa ou Sala do Relógio, própria para as refeições diárias; a Sala do Piano, onde a atual administração do Palácio pretende realizar saraus beneficentes; o quar-

to do casal; o quarto de hóspedes e a Capela Nossa Senhora do Carmo, hoje Sagrado Coração de Jesus.

Cada espaço tem uma decoração ímpar. O acervo do Palácio, apesar de não poder ser comparado ao das grandes construções imperiais, é composto de 70 peças do início do século. E inclui louças e quadros de pintores importantes, como Takaki, Macena e Levino Fanzeres, além de móveis e esculturas.

A decoração das salas traz de volta fatos curiosos. O imponente Salão Dourado, por exemplo, recebeu seus móveis franceses dourados por acaso. O navio transportava as tais peças para Eva Peron e naufragou em águas capixabas. Toda a carga foi comprada pelo governador da época. No meio da carga estava a mobília.

Segundo a administradora do Palácio, Tânia Cabas, as peças mais bonitas do acervo – duas colunas e duas pedras – fazem parte desta coleção. Uma das pedras, segundo Cabas, é um raríssimo mármore negro de origem russa.

O Salão Negro é todo decorado em madeira negra entalhada e foi totalmente confeccionado por artesãos capixabas. O piso, em peroba preta, segue o mesmo estilo da sala. E durante muito tempo esteve coberto por uma forração.

Há dez anos foi feita a restauração do imóvel, que trouxe de volta vários aspectos arquitetônicos que estavam mascarados. Além de desvendar as belezas e mistérios dos 134 espaços redesenhados pela arquiteta Cristina Dias, uma visita ao Palácio é um intrigante passeio por obras de arte antiquíssimas, vindas de várias partes do mundo.

Dois belos exemplares são o lustre francês ornamentado por um cupido de bronze, que antigamente ficava sobre o leito do casal; e uma papelaria chinesa que, segundo Cabas, arranca comentários indecifráveis durante as visitas das delegações orientais.

Para quem visita o Palácio Anchieta é impossível não prestar atenção a sua beleza e também ao abandono do prédio, incluindo o Túmulo do Padre Anchieta. Problemas com infiltrações, cupins e precárias instalações



O Salão Dourado (acima), com peças do mobiliário que seriam de Eva Perón; o Salão Negro (ao lado), com mobília talhada por artesãos capixabas, e a Sala Inglesa, usada para as refeições



elétricas seriam facilmente solucionados se o prédio contasse com manutenção constante, lembra Cabas.

"Infelizmente, algumas peças da mobília estão comprometidas. Temos sete tipos de cupins e não há como extinguí-los mais", afirma a administradora. As obras iniciadas no governo passado foram paralisadas por denúncias de irregularidades e ficaram inacabadas. Isto contribuiu para danificar ainda mais as peças de arte.

Para tentar mudar esta realidade, o atual governo está fazendo um levantamento total da situação do prédio e da história do local. O documento deverá ser enviado a Unesco, até outubro deste ano. "Se o Palácio Anchieta for considerado patrimônio histórico mundial, ficará mais fácil procurar o apoio da iniciativa privada para realizar as obras de restauração necessárias", diz Tânia Cabas.

O levantamento está sendo feito pela arquiteta Maria Cristina Vereza Lodi Dias, através da indicação do Isphan, com apoio do DEC.



Fotos de Chico Guedes



SERVIÇO

O Palácio Anchieta está localizado no Centro de Vitória, em frente à entrada principal do Porto da Cidade. As visitas podem ser programadas com 24 horas de an-

tecedência, inclusive para escolas. O Túmulo de Anchieta pode ser visitado diariamente, entre 8 e 18 horas. Informações: 322-0111/Ramal 216.

O Túmulo de Anchieta concentra um grande número de histórias curiosas. A maioria já se incorporou ao folclore da cidade

Túmulo de Anchieta atrai visitantes

Mais famoso que a residência, o túmulo do Padre Anchieta recebe milhares de visitantes anualmente. O monumento mais importante do conjunto de construções em homenagem ao beato mantém uma polêmica em relação ao fato de estar ou não guardada ali sua tábua.

Por muito tempo o osso ficou guardado na Secretaria da Fazenda, quando ela funcionava no térreo do Palácio Anchieta. Só foi descoberto pelo médico sanitarista baiano Lordello, no início deste século. Transferido para a capela da Igreja São Tiago – onde o padre teria pedido para ser enterrado – a sepultura recebeu uma lápide vinda de Portugal e pinturas retratando cenas da vida de Anchieta, na década de 50.

Com 444 anos, não é de admirar que a velha construção guarde tantas lembranças e casos engraçados. Eles são contados, através dos anos, por todos funcionários que trabalharam por lá.

A redatora Kátia Bóbbio Lima já fez um estudo sobre o prédio. Conta esta trajetória através da literatura de cordel. Kátia cita um fato pitoresco: o de uma antiga funcionária do lugar, que todos os dias rezava o terço, às 18 horas, aos pés do Túmulo de Anchieta.

– Um dia chegou um grupo de turistas do sul do País, interessado em saber que parte do corpo do beato estava en-

terrada no local. Convicta, a senhora informou que era “a fêmea”. Entre o espanto dos turistas – que asseguravam não ser possível tal fato, já que os padres antigamente não podiam se casar – e o despreparo da funcionária, demorou bastante até os visitantes descobrirem que a tal parte era o fêmur – conta Kátia.

Bem mais populares são as lendas sobre os fantasmas que habitam a “velha casa”. A mais comum e presenciada, inclusive, por seus atuais ocupantes, é a das duas portas que não param fechadas, mesmo estando trancadas.

A primeira dá acesso ao Salão do Piano. A outra é a de um quarto que começou a ser usado durante a gestão do governador Gerson Camata – aleatoriamente o cômodo foi batizado de Padre Anchieta. A partir daí, dizem os empregados, a porta não parou mais fechada. As lâmpadas de determinadas salas também queimam logo após serem trocadas.

Os fatos reais dão margem aos vãos de imaginação. Tenta-se encontrar uma explicação, mesmo que ela seja de outro mundo. É o caso do naufrágio sofrido pelo navio que transportava os restos mortais do padre Anchieta para a Europa – que havia reivindicado o direito de guardá-los.

Curioso é o túnel que – dizem – ligaria a Igreja de São Francisco, na Ci-

dade Alta, ao cais do Porto de Vitória, passando pelos subterrâneos do Palácio Anchieta. A passagem despertou a atenção de antropólogos e historiadores. De acordo com Tânia Cabas, sua mãe, Hilda Cabas – que por muitos anos exerceu o mesmo cargo da filha – teria brincado, durante a infância, na entrada do túnel secreto.

Para Kátia Bóbbio Lima, a explicação para as portas que não fecham seria a corrente de ar vinda deste túnel. As instalações elétricas velhas e danificadas poderiam estar impedindo as lâmpadas de se manterem acesas.

Histórias ou lendas, a verdade é que os subterrâneos misteriosos do prédio aliados à imaginação dos diversos ocupantes do Palácio Anchieta contribuíram para que a antiga Igreja de São Tiago mantivesse uma história.

Mesmo não sendo oficiais, as lendas fazem parte da vida do Palácio Anchieta. E podem ser conferidas pelos turistas que procuram conhecer o local. De acordo com Tânia Cabas, as visitas estão mais selecionadas. Precisam ser programadas com 24 horas de antecedência. A administradora diz que a disciplina tem por objetivo adequar os passeios à agenda do governador. Uma policial militar acompanha o grupo e fala sobre a história do lugar.